

Mercado externo difícil para o cacau

A produtividade de um pé de cacau paulista é de 1,5 a 2 quilos, enquanto o pé de cacau baiano produz de 400 a 800 gramas. Apesar da alta produtividade, São Paulo produziu no ano passado apenas 34 toneladas de cacau contra 345 mil toneladas procedentes da Bahia (detentora de 90% da produção brasileira).

Os cacaueiros da Bahia, no entanto, estão esperando melhorar um pouco as regras do jogo no mercado internacional no tocante a preços, porque, há alguns anos, a produção se mantém estável, mas os preços e as divisas vêm caindo a cada safra: em 1979, o cacau rendeu 952 milhões de dólares com a exportação. Com a mesma produção, as exportações de 1981 não passaram de US\$ 700 milhões.

Vendendo cada ano mais barato, já que o jogo da bolsa foge ao controle dos produtores, eles esperam que 1982 seja melhor e que, com a ação do estoque regulador de cacau, os preços se estabilizem em 1 dólar e 10 centavos ou 1 dólar e 15. Apesar das perdas por condições climáticas adversas ocorridas no ano passado, a produção do cacau continua no mesmo nível graças aos novos 160 mil hectares implantados

em 1977, com o Procacau (Programa de Expansão da Cacaicultura) que estão começando a produzir. A safra de 80/81 foi de 345 mil toneladas ou de 5,7 milhões de sacas e, para este ano, os produtores consideram que a situação deva se repetir.

S. PAULO NO MERCADO

No Estado de São Paulo existem hoje 10 milhões de pés de cacau plantados, sendo apenas 2,14 milhões desenvolvidos pelo Plano de Expansão da Cacaicultura do Estado de São Paulo. Não há, portanto, previsão de qual será o aumento de pés para o próximo ano, uma vez que a iniciativa tem partido de produtores particulares desvinculados de incentivo governamental.

Para o presidente da Faesp (Federação da Agricultura do Estado de São Paulo), Fábio Meireles, a falta de recursos oficiais é o fator inibidor da cultura cacauícola no Estado, havendo crescente descompasso entre os custos elevados para manutenção dos cacaueiros e os preços apresentados pelo mercado consumidor.

Embora a cacaicultura tenha sido implantada em São Paulo há quatro anos, pelo Pecasp, até ago-



Arquivo

Em São Paulo, 10 milhões de pés de cacau

ra o Governo Federal não aprovou a participação de São Paulo no Procacau, onde os agentes financeiros deveriam ser o Banco do Brasil e o Banespa. Os cacaueiros baianos temem que as lavouras paulistas sejam financiadas com dinheiro baiano. Éverton Almeida, presidente do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, vê com ceticismo a iniciativa paulista, mas acha que todos têm direito. "O que não queremos — argumenta — é que nosso dinheiro saia daqui para implantar novas áreas. Com recurso próprio todos podem. Transfe-

rir dinheiro da Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauiera), órgão responsável pela política de cacau no País e finanziadora real das lavouras em todo o Brasil, é que não. Além disso, ainda há o perigo de uma superprodução, que seria negativa, já que em 1981 houve um excesso de 100 mil toneladas no mercado internacional."

Segundo fontes ligadas ao setor, as linhas de crédito ainda não foram abertas para a cultura em São Paulo, porque a Ceplac teme à concorrência do cacau paulista nas grandes indústrias de chocolate do Esta-

do. Meireles, no entanto, não acredita que o cacau paulista seja uma ameaça para o Nordeste e explica que apesar dos fatores positivos, como alta produtividade e resistência às doenças, existe necessidade urgente de diminuição dos custos dos fatores de produção.

"Mais importante que a concorrência regional — explica Meireles — é a competição pelo mercado internacional de produtos derivados do cacau. Se o industrial que transforma o cacau puder ter acesso à matéria-prima próxima aos locais de industrialização, haverá economia no frete e consequentemente nos custos do produto final".

CONSUMO AUMENTA

Com 61% dos contratos para implantação de cacaueiros, firmados apenas com pequenos produtores, o Badesp (Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo) é a única instituição que financia essa cultura no Estado. O limite de financiamento que, inicialmente, era de Cr\$ 500 mil, atualmente foi dispensado, ficando o valor de crédito dependente do projeto de produção e da capacidade do mutuário em absorver a dívida.

De outro lado, apenas o cultivo de cacau não basta para garantir um bom mercado consumidor, uma vez que esta fruta não pode ser consumida diretamente, devendo passar por processo industrial. O Brasil, que até 1972 não figurava como produtor de chocolate na lista dos dez maiores produtores do mundo, ocupa hoje o sexto lugar como produtor e consumidor.

Desde 1972, a indústria chocolateira tem crescido mais que a indústria alimentícia. Em 1980, a indústria de produção alimentícia cresceu 7,2% enquanto as fábricas de chocolate cresceram 13,4%. O consumo também aumentou, apesar do preço do chocolate atingir índices mais elevados que a inflação, como revela pesquisa do Comitê Nacional de Expansão do Consumo Interno de Chocolate. Atualmente, 94% da população consome chocolate e a média aumentou para 1 quilo/pessoa/ano, exceto no eixo Rio-São Paulo, onde os índices atingem 2 quilos. Atualmente, São Paulo, com 75% das 54 indústrias chocolateiras do País, produz 120 mil toneladas por ano, produção que até 1972 não chegava a ultrapassar a marca das 32,6 toneladas.